



FOTOS: GONCALVES DE AGUIAR/QUINTAL IMAGES

Mohit e Priyanka têm formação superior, mas em Famalicão são operários têxteis Jéssica está a “gostar muito” da vida que tem

Imigrantes brasileiros e indianos salvam falta de mão de obra em Famalicão

Comunidades têm aumentado e chegam para trabalhar na restauração, construção civil, metalomecânica e indústria das carnes

Alexandra Lopes
locais@jn.pt

ESTRANGEIROS “A falta de mão de obra em Famalicão e a guerra na Ucrânia têm aumentado o número de imigrantes. A maior comunidade estrangeira a residir no concelho é a brasileira, que cresceu no último ano” – esta realidade é atestada por Sofia Fernandes, vereadora da Interculturalidade e Integração da Câmara famalicense que, sem números oficiais referentes ao ano passado, salienta que o “fluxo de atendimentos do gabinete de apoio ao

imigrante tem sido muito maior”. Aliás, o Diagnóstico da População Migrante em Famalicão apontava que, em 2020, 47% dos estrangeiros a residir no concelho eram brasileiros, com os ucranianos a ficarem nos 11% e os indianos nos 8%. “Só entre 2020 e 2021 verificou-se um crescimento na comunidade imigrante de 450 residentes em Famalicão, estando registados, no final desse ano, 2800 cidadãos estrangeiros”, revela.

EM BUSCA DE UM LUGAR SEGURO

Jéssica Alves é uma das pessoas que fizeram subir o número de imigrantes afluído pela vereadora. Veio de São Paulo para Famalicão em busca de um lugar seguro, em junho do ano passado. Com ela vieram o filho de dois anos e o marido, que chegou a terras de Camilo já com emprego garantido. Jéssica, de 27 anos, não tinha emprego, mas rapidamente conseguiu trabalho na restauração. Atual-

mente, é rececionista num ginásio.

Duarte Veiga dirige o estabelecimento onde Jéssica e outros cinco imigrantes brasileiros ocuparam vagas que não conseguia preencher. “No pós-pandemia recebi muitos contactos de brasileiros que queriam vir para cá ou já tinham viagem marcada para Portugal”, relata. “Trazem vontade de evoluir e querem, pelo menos, mostrar o que valem”, sublinha Duarte Veiga, acrescentando: “Estou satisfeito com os imigrantes que trabalham comigo”.

“Na restauração, vemos mais brasileiros, com os indianos a trabalharem mais na indústria das carnes, metalomecânica e construção civil”, sublinha Fernando Xavier, presidente da Associação Comercial e Industrial de Famalicão (ACIF). Estes imigrantes, diz, ajudam a colmatar a falta de mão de obra em algumas áreas, sendo, por isso, importante que

seja dada atenção à integração.

No entanto, o líder da ACIF frisa a necessidade de gente qualificada. “Embora haja imigrantes, nomeadamente indianos, com formação superior, a língua pode ser um obstáculo e o facto de não estarem habituados à nossa realidade pode exigir muita formação”, acrescenta Francisco Xavier.

A APRENDER E A EVOLUIR

O idioma é, sem dúvida, uma dificuldade que Mohit Kumar e Priyanka Rani já começaram a tentar ultrapassar com aulas de português. O casal, ele engenheiro eletrónico, ela enfermeira, queriam um país seguro e com pouca poluição para residir. Daí terem vindo para Famalicão, um “bom local para viver”, segundo referências dadas por um amigo. “Estamos a aprender português e pretendemos evoluir”, diz o casal, garantindo que estão satisfeitos com o que encontraram. ●

NORTE/SUL

N

A SABER

118

Estrangeiros, muitos deles indianos, estão a ter aulas de português – língua de acolhimento, na Escola Secundária Camilo Castelo Branco. Também há voluntários que dão aulas informais nas freguesias mais longe da escola. Entretanto, a Câmara de Famalicão criou um Observatório das Dinâmicas Migrantes.

Acolhimento

Fernando Xavier, da associação comercial, alerta para a necessidade de um acolhimento “com dignidade” dos imigrantes, nomeadamente ao nível da habitação. A carência de habitação é um dos problemas do concelho. Por isso, a autarquia está a fazer um diagnóstico de habitabilidade dos imigrantes.